

Um depoimento comum de esperança*

B a n g a l o r e 1 9 7 8

I. Ação de graças

Louvado seja Deus! O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cristo é a nossa esperança: o poder do amor que é mais forte do que o mundo. Ele viveu na terra: o sim de Deus para a salvação do mundo. Ele foi crucificado e ressurgiu: as primícias da nova humanidade.

Ele está presente na sua Igreja, ele está presente naqueles que sofrem. — Ele está conosco.

Ele voltará em glória: nosso juízo e nossa esperança. — Assim porá a descoberto esse sim da salvação.

Recebemos este presente do Deus vivo. — Seu Espírito se derrama em nossos corações.

Demos graças e exultemos!

II. Vozes de esperança

Em muitos lugares ao redor do mundo há gente que participa desse sim. Até mesmo entre as exclamações de desespero, ouvimos vozes de esperança.

Uma canção latino-americana diz:

* A Comissão de Fé e Ordem, pertencente ao Conselho Mundial de Igrejas, é a única agremiação ecumênica de nível mundial que conta com membros efetivos católicos. Sua finalidade principal é empenhar-se pela unidade visível das igrejas. No cumprimento dessa tarefa, a CFO tem realizado, ao longo dos seus mais de 50 anos de existência, um sem número de estudos de grande profundidade e valia. Atualmente, seus esforços se concentram sobretudo nas questões que envolvem batismo, eucaristia e ministério. De 1971 até 1978, a CFO desenvolveu, com intensa participação de muitos grupos e igrejas, em diversas partes do mundo, o estudo sobre “dar razão da fé que há em nós” (1 Pe 3,15). Na sua última reunião, realizada em Bangalore(Índia), em agosto de 1978, a Comissão reuniu e estudou intensamente os diversos depoimentos de esperança procedentes do mundo todo, chegando, após cerca de duas semanas de trabalho, à formulação do depoimento comum final, cuja tradução vai aqui reproduzida. Os membros brasileiros da Comissão de Fé e Ordem são: Urbano Zilles (católico), Jorge Pantelis (metodista), Jaci Maraschin (episcopal) e Nelson Kirst (luterano).

Porque ele veio para o mundo e para a história;
quebrou o silêncio e o sofrimento;
encheu o mundo com sua glória;
foi a luz no frio da nossa noite;
nasceu numa escura manjedoura;
em sua vida semeou amor e luz;
rompeu corações endurecidos
mas elevou almas deprimidas;
Por isso hoje temos esperança;
hoje perseveramos na nossa luta;
hoje encaramos nosso futuro com confiança,
nesta terra que é nossa.

Em toda parte estão sendo cantadas canções de esperança e aspiração. Tivemos a oportunidade de ouvir muitas delas nos depoimentos de esperança que estudamos. Deparamo-nos com uma estonteante variedade. Ouvimos depoimentos daqueles que anelam por pão, justiça e paz; daqueles que anseiam por libertação da perseguição religiosa e política; daqueles que têm esperança de serem aliviados de enfermidades do corpo e da mente; daqueles que procuram por autenticidade cultural; daqueles que esperam por uma utilização responsável da ciência e da tecnologia; daqueles que evangelizam e trabalham pela divulgação do Evangelho; daqueles que se empenham pela unidade visível das igrejas. Chegamos até mesmo a perceber intimações à esperança de parte daqueles que estão em silêncio. Este seu silêncio, em si, contém uma palavra para aqueles que a conseguem ouvir.

III. Esperanças encontram esperanças

Estivemos escutando essas vozes, porque nós mesmo fomos chamados a dar razão da esperança que há em nós (1 Pe 3,15). Somos um grupo de 160 cristãos, reunidos na Índia, provenientes de muitas igrejas de todos os continentes, e que constituem a Comissão de Fé e Ordem, do Conselho Mundial de Igrejas. Das igrejas recebemos a incumbência de promover a causa da unidade visível entre elas. Um elemento central dessa tarefa consiste em aumentar a capacidade de as igrejas darem testemunho comum de sua fé.

Como passo preliminar, a Comissão vem trabalhando, desde 1971, na formulação de um depoimento comum de esperança. Hoje, pretendemos falar do nosso futuro comum aos membros das igrejas em toda parte, e a qualquer pessoa que esteja disposta a nos ouvir. Temos enfrentado enormes dificuldades: diversidade confessional e cultural, situações políticas e sociais rigorosamente dividi-

das, a ameaça de perda de relevância num mundo em rápida transformação, a necessidade de procurar ouvir novas vozes que têm ficado à margem do debate teológico até o presente. No entanto, a própria tentativa conjunta se transformou numa fonte de esperança. Descobrimos de novo como a força do Evangelho inspira o testemunho comum. Fomos levados a nos aproximar um do outro, e novas formas de comunicação se estabeleceram entre aqueles que têm esperança.

O presente depoimento comum baseia-se no encontro de diversos depoimentos de esperança. Um encontro que se revelou muito significativo. Ajudou-nos a distinguir entre um nível, no qual se espera por coisas específicas, tais como ter o suficiente para comer, e um outro nível, no qual se levanta a pergunta: "Por que vocês têm esperança de algo que não podem ver? (cf. Rm 8,25).

O encontro nos fez humildes porque nos tornou mais autocríticos. É preciso distinguir entre esperanças e desejos. Muitas de nossas expectativas são pouco mais do que desejos irrefletidos ou expressões de temores e ansiedades. E estes frequentemente são contraditórios. A aspiração por um crescimento da economia num certo país pode causar empobrecimento em outro. Determinado tipo de luta pelo poder pode ser necessário num país e contradizer o uso responsável de poder num outro. Há mesmo quem diga: "A esperança de um torna-se o desespero de outro".

Contudo, recusamo-nos a acreditar que as esperanças da humanidade sejam, em última instância, contraditórias: as esperanças dadas por Deus têm muitas facetas e se complementam. Os corações humanos, porém, são pecaminosos e seus desejos podem ser falsos. Precisam ser julgados e purificados. Cristo é o juiz das esperanças humanas. Ele pesa nossos desejos.

O encontro de esperanças humanas também nos encoraja, porque nele chegamos a perceber o poder e a direção do Espírito Santo. Através do Espírito as esperanças de outros falam a nós; muitas vezes sem qualquer intenção, às vezes inesperadamente. O encontro de esperanças aponta para uma comunhão mais ampla de esperança entre nós e com o Espírito de Deus. Mais do que isso, pode apontar para uma comunhão mais ampla entre aqueles que crêem em Cristo e os que não crêem. "A esperança de um torna-se a esperança de outro!".

IV. Nossa esperança em Deus

A Igreja é a comunhão daqueles que esperam em Deus; por isso, o encontro real de nossas esperanças é possível.

Não somos os primeiros a expressar tal fé e tal esperança. Muitos antes de nós o fizeram. Estamos cercados por uma nuvem de fiéis que deram seu testemunho, chegando a pagar por isso até com o preço das próprias vidas. O testemunho fiel da esperança humana em Deus é Jesus Cristo. E sempre que celebramos sua lembrança, recebemos graça e poder para dar nosso testemunho.

Jesus Cristo é nossa esperança. Ele foi, em sua vida, completamente obediente a Deus, o Pai. Identificou-se com aqueles que eram rejeitados pela sociedade. Pregou a mensagem da vinda do reino de Deus, a qual nos sustenta com sua visão de um amanhã que não pode ser negado. Foi preso, torturado e morto. Em sua cruz e ressurreição, Deus destronou as forças do pecado, da culpa, da morte e do mal. Deus reconciliou o mundo consigo mesmo. Deus defendeu sua imagem em todos – crianças, mulheres e homens – e deu-lhes a nova dignidade de filhos de Deus. Vem daí nossa esperança de que tudo o que ameaça a dignidade humana, inclusive a própria morte, será em última instância destruído: em última instância, porque neste mundo essas forças ameaçadoras, embora já vencidas, ainda não foram destruídas; nossa esperança presente está ancorada na ação de Deus na história e na vida eterna dos tempos que hão de vir. Nós sabemos, porém, que somos aceitos por Deus como pecadores perdoados, e por isso estamos certos de que podemos, aqui e agora, ser cooperadores de Deus, apontando para o seu senhorio. Em Cristo vemos a vontade de Deus, como num espelho. Cristo virá como a revelação da verdade e da justiça. Seu é o julgamento final do mundo; nisso reside nossa esperança de que o assassino, em última instância, não triunfará sobre a vítima. Essa esperança final no senhorio de Cristo e na vinda do reino de Deus não pode ser divorciada de nossas esperanças históricas por liberdade, justiça, igualdade e paz, nem ser identificada com essas. Nossos esforços por bem-estar humano são julgados e transfigurados numa vida com Deus, marcada pelas dádivas livres do perdão, da vida nova e da salvação. Em antecipação, atrevemo-nos a ter esperança de que os anseios e esforços humanos são justificados e de que seu resultado final está nas mãos de Deus.

Ao dar seu Filho, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele (Jo 3,17), Deus, o Pai, confirmou o mundo como sua criação e manifestou-lhe sua fidelidade. Também nós seremos fiéis ao mundo. Ele amou a obra de suas mãos e a designou como boa. Por isso, esperamos por uma sociedade que não viole o caráter bom da natureza. Na confiança de que os poderes criativos da criatura humana também são fruto de sua vontade, esperamos que a razão humana possa ser usada responsavelmente na moldagem do futuro. O Criador é justo; sua lei e sua

justiça não de restaurar o direito daqueles que são oprimidos. Por isso temos esperança, na nossa luta por justiça e direitos humanos. Este mundo está cheio de sofrimento e injustiça, mas, como mundo de Deus, ele é o lugar de nossa obediência, na confiança de que o Criador não o deixará cair de suas mãos. Quando, seguindo a Cristo, lutamos contra o mal, não o fazemos apenas na esperança de maior felicidade humana; fazemo-lo também na esperança de que opressores se arrependam e deixem de ser opressores, e de que todos se voltem a Deus em fé e recebam, juntos, a bênção que ele lhes destinou.

O Deus vivo se torna acessível a nós através do Espírito Santo, o qual confirma a presença de Deus em nossas vidas e faz de nós membros do corpo de Cristo, a Igreja. Através do Espírito Santo, temos esperança de que já as nossas vidas podem apresentar sinais da nova criação. Através do Espírito, Deus dá-nos seu poder e sua direção, estimula nosso ânimo, revigora nossas energias, dá-nos visões e sonhos, impele-nos a lutar por uma comunicação real, superando as barreiras erguidas pelo pecado. Através do Espírito Santo, o amor de Deus é derramado em nossos corações. Não pode haver verdadeira esperança sem amor. Agir em amor é possível para todos: para aqueles que podem trabalhar aberta e visivelmente, e também para aqueles cujo amor e ação se expressam em sofrimento e oração. Uma vez que as promessas de Deus concernem à humanidade como um todo, esperamos e oramos que o Espírito nos dê o poder para proclamarmos a boa nova da salvação e para lutarmos por sua realização na vida. Esta é a missão comum ao indivíduo e à Igreja como tal.

V. A Igreja: uma comunhão de esperança

“O Senhor ressuscitou!” Ele está presente e é poderoso no meio dos seus, tornando-os membros uns dos outros e de seu corpo, a Igreja. Ele é o Mestre; eles, os discípulos. Ele é a videira; eles, os ramos. Aos que nele depositam sua fé, dá a comunhão da esperança e envia-os como uma sinal de esperança a toda a humanidade.

Compartilham eles sua própria vida divina, a comunhão com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Deus uno, cujo próprio ser se espelha em todo o amor das criaturas. Na comunidade cristã da fé, que tem parte na confissão dos apóstolos, que se reúne em torno da palavra de Deus e comunga nos sacramentos, recebemos o poder de compartilhar nossas vidas. Podemos alegrar-nos com os que se alegram, e chorar com os que choram. Podemos levar uns as cargas

dos outros. É nessa comunhão que também aprendemos a compartilhar as esperanças uns dos outros. Esse encontro de esperanças, em si, foi feito por Deus para ser um sinal em cada situação e lugar: Cristo, a nossa esperança, o poder do amor!

Por ser esta a realidade espiritual da Igreja, envergonhamo-nos de como, na verdade, nos apresentamos em nossas igrejas. A comunhão de esperança é tão obscura, a ponto de se tornar quase que irreconhecível. O testemunho comum está dilacerado por divisões. Com demasiada freqüência e de modo por demais transparente, nossas igrejas refletem os pecados da sociedade e se posicionam ao lado dos privilegiados e poderosos. As mulheres nega-se freqüentemente o lugar que lhes cabe na liderança da vida da igreja. Membros e ministros não se reconhecem integralmente, uns aos outros. E, o que é ainda mais escandaloso, nossas igrejas ainda não dão culto a Deus conjuntamente, ao redor da mesma mesa. Muitos dos que conosco convivem, não conseguem encarar-nos como sinal de esperança. A esperança pela renovação e unidade de nossas igrejas é, freqüentemente, nossa tarefa espiritual mais difícil.

Mesmo assim, alimentamos a esperança de que a Igreja de Cristo se manifeste mais em nossas igrejas. Esperamos pela recuperação e pela frutificação de sua missão. A comunhão, embora obscurecida, não está perdida; ela não se fundamenta em seus membros, mas em Deus. Ela tem recebido a Palavra, e a Palavra permanece. O Espírito que tem sido atuante através dos séculos, está presente em nossos tempos para restabelecer uma comunhão digna de crédito. Baseada em tais fundamentos, essa comunidade há de tornar-se a comunidade do arrependimento!

É este poder, presente entre as igrejas, que testemunhamos. Temos esperança nessa comunhão. E cremos que essa comunhão, embora incompleta, possa tornar-se um sinal de esperança para outros. A comunhão em Cristo possibilita o encontro através das barreiras humanas. Ela restabelece relações, num clima de respeito mútuo, sem o sacrifício de convicções. Ela pode ser uma base de prova para o testemunho sustentado por cada igreja. Sem serem forçadas a uma atitude de conformidade, as igrejas podem ser levadas a prestarem contas, uma diante da outra. A comunhão em Cristo também se torna uma fonte de esperança quando as igrejas, vivendo do perdão de Deus, estendem perdão também a outras igrejas e encontram, no testemunho e no compromisso de outros, um enriquecimento para si próprias. Por último, a comunhão em Cristo é uma fonte de esperança quando antecipa o reino de Deus e não se conforma com o estado de coisas.

Assim, a Igreja agradece a Deus por poder experimentar, aqui e agora, uma amostra daquilo que ela espera. Já há muito, antecipou sua esperança em sua oração: "Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. Perdoa-nos as nossas dívidas. Livra-nos do mal."

VI. Esperanças compartilhadas em face do futuro comum

"Cristo ressuscitou!" O que significa ter uma esperança comum num mundo em que nos deparamos com ameaças comuns? Existem compromissos cristãos comuns; uma ação combinada é possível, embora as ênfases sejam diferentes em diferentes partes do mundo.

Nossa esperança comum está ameaçada pelas concentrações de poder, crescentes e já excessivas, com suas ameaças de exploração e pobreza. São elas responsáveis pelo abismo entre ricos e pobres, não apenas entre as nações mas também dentro dos próprios países. Exploração política e dependência, fome e desnutrição são o preço que os pobres pagam pela superabundância de bens e poder, desfrutados pelos ricos. A concentração de poder leva também à preservação das divisões existentes entre as classes e à formação de novas divisões.

Mesmo assim, compartilhamos uma esperança comum, pois cremos que Deus tomou partido nessa luta (Sl 103,6).

Nosso futuro comum é dominado pela nossa crescente capacidade de moldar o mundo físico. A ciência e a tecnologia melhoraram as condições humanas. Quando usadas com sabedoria, podem ajudar a alimentar o faminto, curar o enfermo, desenvolver comunicação, fortalecer comunidade. A recusa de usar essas forças responsabilmente, de parte de todos e em toda parte, e especialmente a capacidade dos abastados de apropriar tais benefícios em seu próprio interesse, ameaçam-nos com o colapso ambiental, com catástrofes biológicas e com a destruição nuclear. Mesmo assim, temos esperança na ação continuada do Espírito Criador que não abandonará suas criaturas e que pode dispor-nos a agir responsabilmente como mordomos da criação.

A concentração mais alarmante de poder, em nossos dias, é o aumento aparentemente incontrolável de armamentos. O arsenal atual de bombas nucleares, mantido pelas superpotências, sobe a bem mais de 10.000 – mais de um milhão de vezes superior ao poder aniquilador que devastou Hiroshima. Até o chamado Terceiro

Mundo aumentou seus investimentos em armamentos de oito bilhões de dólares em 1957 para quarenta bilhões em 1977. É importante que não exageremos nossas esperanças, mas o Espírito de Deus abre portas, além das expectativas humanas. O mal não é necessário. O Espírito pode plantar o fermento da paz em lugares inesperados, e criar esperança de que é possível estabelecer a justiça sem recorrer à guerra.

Em toda parte há pressões e forças que ameaçam desintegrar a comunidade humana. Raças, classes, sexos e até religiões se defrontam antagonicamente. Em todos os lugares os padrões sociais, herdados do passado, se dissolvem e enfraquecem, nas pessoas, a sensação de pertencer a um grupo, a qual existe quando há comunidade. Ao mesmo tempo, surgem novas formas de comunidade, o que, por seu caráter de novidade, também pode criar ansiedades. Mesmo assim, o Espírito opera com surpreendente liberdade, preservando aquilo que sustenta vida, e fazendo surgir algo genuinamente novo. Por isso, podemos ter coragem de experimentar novas formas de associação, novas estruturas e instituições, novas formas de relacionamento humano.

Nossa esperança comum é ameaçada por **atentados à dignidade humana.** Pessoas transformam-se em dados estatísticos, em estereótipos para discriminação, em escravos, em vítimas, ou são simplesmente esquecidas. Pessoas humanas e possibilidades humanas são ameaçadas em toda parte, hoje em dia. Direitos humanos individuais são violentados por prisões arbitrárias e "desaparecimentos". Sentimo-nos estarecidos diante do crescente número de "prisioneiros por razões de consciência" e do uso sistemático e sempre mais acentuado da tortura, como método ordinário de exercer poder. Os direitos humanos sociais, porém, também são violados; e isto, quando às pessoas é recusada a comida, a habitação, o emprego, a educação e a assistência médica, especialmente quando tal recusa se apresenta mesclada de racismo e sexismo. Não há lugar no mundo onde alguma dessas violações não esteja presente. Aqueles que desumanizam outros, desumanizam, desta maneira, a si próprios. Mesmo assim, temos esperança, porque Deus confirma a dignidade do "último dos últimos".

O compromisso com o futuro comum e a própria vida são corroídos **pela falta de sentido e pela absurdidade.** Em situações de abundância, o que pode levar a isso é o "jogar pelas regras do jogo", numa cultura que se norteia pelo sucesso. Em situações de rápida transformação cultural e social, a falta de sentido e a absurdidade podem surgir da confusão que assalta os que são chamados a preencher papéis previamente indefinidos. Em situações de explora-

ção, dependência e "marginalização", a falta de sentido e obscuridade podem ser impostas pela sensação de impotência e frustração, quando as pessoas não conseguem agir em seu próprio interesse ou no de sua classe. Mesmo assim, compartilhamos uma esperança comum, pois o próprio Filho de Deus resistiu à ameaça da falta de sentido e da absurdidade. A palavra de Deus, que cura, se apresenta com diferentes acentuações: ao abastado ela é o desafio para que renuncie a falsos deuses; ao confuso ela oferece a luz da vida de Jesus para clarificar perplexidade; ao despossuído ela vem como o desafio e a capacitação para assumir a luta. A todos ela promete que a vida tem sentido.

Os problemas parecem esmagadores. O clamor por realismo está profundamente arraigado em nós, levantando uma espécie de questionamento final diante da esperança cristã. Mas nós cremos que toda ação justa tem significado, porque Deus a abençoa. Com os cinco pães e dois peixes, trazidos pelo jovem, Jesus deu de comer à multidão. A esperança palpita com uma força toda especial nas pequenas ações.

Acima de tudo, atrevemo-nos a ter esperança em face da morte. Como pecadores sob o juízo de Deus, estamos destinados a morrer. Por isso, a morte é o "último inimigo" de nossas esperanças. Ela penetra a vida com um poder paralizador, especialmente quando arrebatava pessoas antes de terem tido uma chance de viver. Contudo, a esperança baseada em Cristo se volta precisamente contra esse inimigo. O triunfo da graça de Deus é a ressurreição – a vitória de Cristo sobre a morte e o pecado, com todos os seus aliados. O apóstolo diz: "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida, somos os mais infelizes de todos os homens" (1 Co 15,19). Regozijamo-nos porque este se crucial é respondido de modo inequívoco: não apenas a esta vida. É este "não apenas" que dá à vida seu horizonte de esperança. O destino foi quebrado. Há um amanhã para nós, hoje – e no dia da nossa morte.

A esperança cristã é um movimento de resistência contra o fatalismo.

VII. A esperança é um convite ao risco

"Cristo ressuscitou!" Aquele que ressuscitou, porém, é o crucificado. Isso significa que nossa vida em esperança não é uma garantia de segurança, mas um convite ao risco. Viver em esperança é nunca ter alcançado nossa meta, mas estar sempre numa jornada pontilhada de riscos.

Viver em esperança é arriscar a luta. Não nos é permitido o privilégio de sermos “nem quentes nem frios”, de adotarmos a pseudo-neutralidade que sustenta, disfarçadamente, aqueles que estão no poder. Lutar é tomar partido abertamente, dizendo “sim” a alguns e “não” a outros. E caso a única ação possível for a de suportar pacientemente os acontecimentos, também isso pode ser uma forma de protesto. Podemos dar-nos ao luxo de fracassar, pois Deus pode usar nossos fracassos para o cumprimento das suas intenções. A esperança envolve o risco da luta.

Viver em esperança é arriscar o uso do poder. Alguns têm poder demais para merecerem confiança; a maioria tem poder de menos para uma ação efetiva. Não está certo que alguns poucos imponham suas decisões sobre os muitos. Precisamos buscar a identificação com os que não têm poder e ajudá-los a livrar-se da dependência de outros. Contudo, também precisamos dedicar-nos aos que estão no poder, conclamando-os a ouvirem “os condenados da terra”, a empregarem o poder de maneira justa e a compartilharem-no com aqueles que dele são excluídos. A esperança envolve o risco do uso responsável do poder.

Viver em esperança é arriscar-se a afirmar o novo e reafirmar o antigo. Afirmar o novo significa reconhecer que Cristo vai adiante de nós; reafirmar o antigo significa reconhecer que ele não veio para destruir, mas para cumprir, porque ele é o mesmo ontem, hoje e sempre. A esperança envia-nos por caminhos desconhecidos e conclama-nos a descobrir o novo, seja ele representado pelo desafio de novos contextos culturais, pelo chamado a novos estilos de vida ou pelos clamores por libertação, anteriormente desprezados. Se nos amarramos ao passado, podemos tornar-nos surdos para os gemidos e as intecções do Espírito. No entanto, o Espírito sempre confirmará a verdade de Cristo. Por isso, a esperança envolve tanto o risco das novas arrancadas quanto o da fidelidade ao passado contra a tentação dos modismos efêmeros.

Viver em esperança é arriscar a autocrítica como o caminho para a renovação. Na cultura e na Igreja, a renovação vem através do desafio àquilo que está estabelecido, de modo que possa ser revitalizado ou posto de lado. No entanto, a renovação, no verdadeiro sentido da palavra, não é algo que se encontra dentro das nossas capacidades. Ela surge à medida em que somos julgados por Deus e levados a arrependêr-nos e a produzir frutos dignos do arrependimento. Todavia, isso também pode incluir uma certa despreocupação, uma disposição de não nos levarmos demasiadamente a sério. Só quem for capaz de rir de si próprio, poderá assumir uma seriedade última em relação a outros. A esperança envolve o risco da autocrítica, como caminho para a renovação.

Viver em esperança é arriscar o diálogo. O encontro genuíno com outros pode desafiar-nos a abandonar posições privilegiadas e a tornar-nos vulneráveis. Entrar no diálogo com pessoas de outros credos e ideologias é arriscar-se a ver abalada sua própria fé e a descobrir que há outras maneiras de afirmar a verdade, diferentes daquelas que nós aprendemos. O diálogo com os judeus apresenta uma promessa e dificuldades bem especiais; uma promessa de enriquecimento, porque não há outro povo que tenha conosco raízes comuns tão profundas; dificuldades, porque as questões teológicas e políticas daí resultantes ameaçam separar-nos uns dos outros, assim como deles. Visto que no diálogo podemos receber uma compreensão mais completa de nossa própria fé e uma compreensão mais profunda de nosso semelhante, a esperança não teme o diálogo.

Viver em esperança é arriscar a cooperação com aqueles que diferem de nós. Quando nos unimos a outros no cumprimento de tarefas humanas imediatas, arriscamo-nos a sermos usados e absorvidos. Mas quando encontramos pessoas que, sem reconhecerem o nome de Cristo, servem à humanidade, podemos juntar-nos a elas. E isto, com duas finalidades: para servirmos à causa de todos os filhos de Deus e, caso a ocasião o permita, para darmos razão da nossa própria esperança. A esperança se dispõe a arriscar a cooperação com aqueles que são diferentes.

Viver em esperança é arriscar novas formas de comunidade entre mulheres e homens. Isso exige uma vivência da graça e uma compreensão capazes de tomar estruturas, estereótipos e ressentimentos do passado, e transformá-los em novas formas de vida conjunta, tanto dentro quanto fora da Igreja. Somos desafiados a descobrir, sobre o fundamento das Escrituras e da tradição, meios contemporâneos de expressarmos mutualidade e igualdade, e especialmente somos desafiados a compreender de forma renovada o que significa ser criado à imagem de Deus.

Viver em esperança é arriscar o escárnio. Para a maioria dos nossos semelhantes nossa esperança é vã; na melhor das hipóteses, é irrelevante; na pior, é malévola. Viver em esperança é, mesmo assim continuar a testemunhar o poder salvador de Jesus Cristo, sejamos nós ignorados ou atacados. Por ser a divulgação do Evangelho não só nossa missão, mas também nosso privilégio e nossa alegria, podemos correr o risco do ridículo.

Viver em esperança é arriscar-se a morrer pela causa dessa esperança. Nenhum cristão pode decidir que outra pessoa deva tornar-se um mártir. Mas cada um de nós defronta-se com a probabilidade de o testemunho fiel vir a ser um testemunho oneroso.

E esperança cristã não é de que a morte possa ser evitada, mas de que a morte possa ser vencida. Aqueles que realmente vivem em esperança resolveram o problema da morte e podem arriscar-se a morrer com Cristo. Para alguns, isso não passa de retórica; para outros, esta é a certeza inabalável, a partir da qual encaram cada novo dia. Viver em esperança é arriscar-se a morrer pela causa dessa esperança.

"Fiel é a palavra:

se já morremos com ele, também viveremos com ele;

se perseveramos, também com ele reinaremos;

se o negamos, ele por sua vez nos negará;

se somos infiéis, ele permanece fiel,

pois de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo."

(2 Tm 2,11-13)

(Tradução: Nelson Kirst)